SIDEREUM ANA III
El río Guadiana y Tartessos
Javier Jiménez Ávila (ed.)
SERIE COMPACTA
(Compendia et Acta)

1

SIDEREUM ANA III
El río Guadiana y Tartessos

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA
(ed.)
Este libro contiene las actas de la reunión científica “Sidereum Ana III, El río Guadiana y Tartessos”, celebrada en Mérida en septiembre de 2012 y realizada en el marco del proyecto 
Prehistoria del Territorio de Mérida a través de la Colección Conarcal (PRI09A154) financiado por la Junta de Extremadura dentro del III Plan Regional de Investigación, Desarrollo e Innovación.

Portada: Fragmento de plato de cerámica griega (s. VI a.C.) procedente de El Cuco, Guadajira (Badajoz). Foto V. Novillo.

© Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.

© de los textos: los autores.

Diseño y maquetación: Juan Carlos Conde.
Impresión: Imprenta Rayego, S.L.
ISBN: 978-84-697-4788-9
Depósito Legal: BA-000521-2017
Impreso en España. Printed in Spain.
SUMARIO

Presentación. Sidereum Ana: diez años de encuentros transfronterizos y arqueológicos
Javier Jiménez Ávila ................................................................. 9

La Anfictionía Tartesia orientalizante
Martín Almagro-Gorbea – Alfredo Mederos Martín – Mariano Torres Ortiz .......................... 15

El Alto Guadiana entre los siglos VIII y VI a.C.
Novedades estratigráficas en el área 4 de Swapo – La Bienvenida (Almodóvar del Campo, Ciudad Real)
Mar Zarzalejos Prieto – Germán Esteban Borrajo – Patricía Hevia Gómez .......................... 39

Ancha és Tartessos.
El Período Orientalizante (siglos VIII-VI a.C.) en el tramo extremeño del Guadiana
Javier Jiménez Ávila ................................................................. 69

La ocupación orientalizante de la Escuela de Hostelería de Mérida
Javier Jiménez Ávila – Francisco Javier Heras Mora .......................................................... 107

Povoamento “orientalizante” na margem esquerda do Guadiana
Uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa
Ana Sofia Antunes – António M. Monge Soares – Manuela de Deus – Rui M. Soares .............. 131

Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3:
Contextos de Planicie da I Idade do Ferro do Alentejo Interior
Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Susana Estrela – Javier Larrazabal
António M. Monge Soares – Rosa M. Salvador Mateos .......................................................... 159

A necrópole da Vinha das Caliças (Beja, Portugal)
Ana Margarida Arruda – Rui Barbosa – Francisco Gomes – Elisa de Sousa ............................. 187

A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)
Filipe J.C. Santos – Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Carolina Grilo ................................ 227

A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja)

Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estáncio 6
Tiago do Pereiro – Rui Mataloto – Nelson Borges ................................................................. 303

A paisagem funeraria a Oeste de Beja no Período Orientalizante:
as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)
Rosa M. Salvador Mateos – José António Pereira ................................................................. 333
Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja
Margarida Figueiredo – Rui Mataloto .......................................................... 353

La Sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja). Nota preliminar
Ever Calvo Rodríguez – Patrícia Simão ...................................................... 399

A necrópole de Pisões (Beja)
Patrícia Bargão – Dulce Fernandes .......................................................... 407

O Cabeço Redondo (Moura).
Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana
Rui Monte Soares – António M. Monte Soares .......................................... 421

Castro Marim entre indígenas, Fenícios e Tartéssicos
Ana Margarida Arruda – Carlos Filipe de Oliveira – Vera Teixeira de Freitas .......................................................... 443

Primer avance sobre el asentamiento fenicio de Ayamonte (Huelva)
Juan Aurelio Pérez Macías – Benjamín Cabaco Encinas – Elisabet García Teyssandier ......................................................... 467

El descubrimiento de la necrópolis fenicia de Ayamonte, Huelva (siglos VIII–VII a.C.)
Elisabet García Teyssandier – Dírce Marzoli – Benjamín Cabaco Encinas
Bärbel Heußner – Ingrid Gamer-Wallert .................................................. 493

La orientalización de Huelva (siglos VIII–VI a.C.)
Francisco Gómez Toscano ....................................................................... 531

Una vivienda rural orientalizante en la àvora de la Huelva “tartésica”:
el fondo de cabaña 577 de La Orden-Seminario
Cristina López Cabot – Juan Carlos Vera-Rodríguez ............................... 557

Nuevos datos sobre la Huelva tartésica. La excavación arqueológica de la calle Concepción 5
Marcos García Fernández ........................................................................ 579

Tradição indígena e orientalizante na metalurgia do bronze da bacia do Guadiana
entre os séculos VIII e VI a.C.
Pedro Valério – António M. Monte Soares – Maria Fátima Araújo – Rui J.C. Silva .......................................................... 605

Conclusiones – Conclusões
Paolo Bernardini – Rui Mataloto – Juan Pereira Sieso – Sabah Walid Sbeinati .......................................................... 617

Relación de autores ................................................................................... 625
O CABEÇO REDONDO (MOURA).
UM EDIFÍCIO MONUMENTAL E SINGULAR
NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

Rui MONGE SOARES
(UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

António M. MONGE SOARES
(Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa)

RESUMO

Este trabalho analisa as evidências materiais e estratigráficas registadas no Cabeço Redondo (Moura), obtidas através da realização de uma sondagem arqueológica e da recolha de artefactos de contexto descontextualizados após a destruição do sítio. Os resultados confirmam a presença de uma ocupação rural e de um espaço edificado profundamente remodelado ao longo de várias fases construtivas. Os dados estratigráficos e a análise dos artefactos revelam uma cronologia do século V a.C., com a possibilidade de a ocupação se ter iniciado nos finais do século VI a.C., ao mesmo tempo que confirmam a presença de um edifício monumental e singular na margem esquerda portuguesa do Guadiana, com paralelos nos existentes na bacia do Guadiana Médio.

ABSTRACT

This work analyses the material and stratigraphic evidences recorded at the archaeological site of Cabeço Redondo (Moura), which result from archaeological excavations and the study of decontextualized artifacts recovered after the destruction of the site. Data confirm the presence of a rural occupation and a built space profoundly remodelled along several constructive phases. The stratigraphic data and the analysis of the artifacts reveal a chronology which covers the whole 5th century B.C., with the possibility that the occupation started at the late 6th century B.C. At the same time, it was possible to confirm the presence of a singular and monumental building on the Portuguese left bank of the Guadiana River, which can be related with the similar ones existing on the Spanish Middle Guadiana Valley.
INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Cabeço Redondo localiza-se no distrito de Beja, concelho de Moura, na freguesia de Sobral da Adiça (Fig. 1).

Situada na Herdade do Metum, também referida, por vezes, como Motum, Matum ou Mutum. Esta herdade, integrada no Núcleo Experimental da Direcção Regional de Agricultura e Pesca do Alentejo (D.R.A.P.), com sede na Herdade dos Lameirões, que lhe é contígua, localiza-se na planície que se estende ao longo do interflúvio da Ribeira da Toutalga com a Ribeira de São Pedro, ambas tributárias do rio Ardila que, por sua vez, desagua no rio Guadiana, a noroeste de Moura. A implantação do Cabeço Redondo no meio da planície do Metum coloca-o a cerca de 260 m da ribeira de São Pedro e a 380 m da ribeira de Toutalga, a uma cota média de 165 m de altura em relação ao nível do mar, encontrando-se rodeado, a Este, pela elevação designada como Monte Molinos, e a Oeste, pela serra da Preguiça.

O Cabeço Redondo foi inicialmente identificado por José Fragoso de Lima, que o terá visitado em Abril de 1942, identificando-o como um "...ou-tro sozinho em plena planície do Motum." e que "...todo o seu aspecto indica que não é natural, mas sim feito pelo homem". Dadas as grandes dimensões do monte artificial de terra, Fragoso de Lima colocava ainda a hipótese de que este escondesse "...algum gigantesco dolmen", comparando e referindo a similitude das suas dimensões com o dólmen do sítio das Antas, mencionando para este a estimativa de cerca de catorze metros de diâmetro para o seu tumulus. Segundo informações recientemente recolhidas junto do ex-responsável pela herdade, o engenheiro Francisco Borges, o monte artificial do Cabeço Redondo teria entre 2 a 3 m de altura, com as devidas reservas que uma avaliação por estimativa acarreta. No entanto, as suas dimensões tornaram possível a sua visualização em fotografias aéreas prévias à sua destruição.

Em relação aos materiais arqueológicos, Fragoso de Lima identificou a presença de mós de granito semi-circulares e tijolos de adobe, que o levaram a considerar que se encontrava na presença de um sítio com ocupação coeva da Azougada. Fragoso de Lima referia, ainda, o conhecimento do Cabeço Redondo por parte da população local, que associava ao Cabeço Redondo diversas lendas que incluíam a existência de "... minas enterradas e guardadas por mouros". Apesar de o arqueólogo indicar a autorização e o entusiasmo por parte do então proprietário da herdade para efectuar escavações no local, estas nunca se terão realizado e o sítio terá permanecido esquecido até ao final do mês de Julho de 1990, data em que foi destruído parcialmente, com recurso a máquinas, na sequência de trabalhos agrícolas com o fim de instalar um sistema de rega de tipo Pivot, cuja marca no terreno é ainda visível em fotografia aérea. Durante essa destruição, procedeu-se ao desmonte da elevação artificial, tendo as suas terras sido simplesmente espalhadas em redor do local onde outrora se implantava a elevação (Fig. 2). Tal como ficou registado no relatório elaborado pela D.R.A.P., durante esses trabalhos de destruição, em virtude do surgimento de vestígios cerâmicos, foram destacados alguns trabalhadores rurais para efectuar a recolha dos materiais arqueológicos que iam surgindo, entre os quais, abundantes asas de secção circular, mós "em quarto de círculo", um "objecto de bronze semelhante a uma tampa", pesos ovalados de cerâmica e escória ou adobes vitrificados.

Este espólio foi, posteriormente, depositado no Museu Municipal de Moura e o sítio do Cabeço Redondo terá caído novamente no esquecimento, sem que as autoridades responsáveis efectuassem sequer uma sondagem, que permitisse diagnosticar o resultado da destruição. Por outro lado, a grande maioria destes materiais depositados no Museu Municipal de Moura acabaram, acidentalmente, misturados com espólio proveniente da Azougada, bem como com materiais provenientes de outros sítios arqueológicos, sendo actualmente extremamente difícil, ou mesmo impossível, distinguir com  

1 Lima 1988: 29 e 32.  
2 Ibidem: 29.  
3 Antunes 2009.  
clareza a sua correcta proveniência, dadas as semelhanças entre o espólio cerâmico da Azougada e do Cabeço Redondo.

1. BREVE DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO E DA ARQUITECTURA DO SÍTIO

Decorridos 21 anos após a destruição referida, o Cabeço Redondo foi finalmente intervencionado arqueologicamente, durante o mês de Abril de 2011, através da realização de duas sondagens perpendiculares, cada uma com 24 m de comprimento, por 1 m de largura (Fig. 3), com o objectivo de diagnosticar se a destruição teria sido total ou apenas parcial, ao mesmo tempo que se procuraria delimitar a extensão do sítio, caso se concluísse que a destruição não havia sido total. Por fim, esperava-se que os resultados da escavação permitissem avançar uma caracterização preliminar do tipo de ocupação, da arquitectura e dos artefactos recuperados. Relembramos que as informações existentes eram de que existia no local um monte de terra artificial com cerca de 2 a 3 m de altura, que tinha sido completamente arrasado até ao nível da topografia envolvente. Nada indicava, portanto, que ainda existisse alguma estratigrafia preservada. Contudo, colocava-se a hipótese que pudessem ter restado as fundações dos muros ou algumas estruturas negativas.

Das duas sondagens programadas, apenas a Sondagem 2 (sentido Oeste-Este) foi escavada até ao fim. Na Sondagem 1 (sentido Norte-Sul), apenas se removeu o estrato superficial com cerca de 30 cm de espessura. Esta opção de apenas escavar a Sondagem número 2 até ao fim, deveu-se ao mau tempo e à chuva que se fez sentir durante boa parte do período programado de escavação. A configuração em “L” das sondagens, sendo muito compridas e estreitas, tinha em primeiro lugar, o objectivo de aumentar as hipóteses de detectar estratigrafia preservada e de localizar o sítio exacto onde se encontrava a elevação de terra que foi destruída. Em segundo lugar, esta configuração permitiria delimitar se possível, a extensão do sítio, caso se conclusisse que a destruição não havia sido total. Em terceiro lugar, os resultados da escavação permitiriam o
avançar de uma caracterização preliminar do tipo de ocupação, da arquitectura e dos artefactos recuperados.

Na Sondagem 2, logo após o início da intervenção, a apenas uns meros 30 cm de profundidade, deparam-nos com um grande conjunto de fragmentos cerâmicos, resultantes da quebra in situ de recipientes. Este conjunto de fragmentos cerâmicos correspondiam, pelo menos, a três ânforas, dois alguidares e dois recipientes grafitados, além de um cossoiro. De todos estes recipientes, apenas um vaso grafitado foi possível reconstruir por completo. Os restantes encontraram-se incompletos, não porque os recipientes o estejam, mas sim porque os restantes fragmentos se encontram já fora da área sondada. O aparente abandono de conjuntos de recipientes e objectos, em ocupações de meados do I milénio, como se tivesse ocorrido um abandono intencional dos edifícios com o seu mobiliário in situ, encontra paralelo em várias outras ocupações rurais, nomeadamente, em Cancho Roano,5 La Mata6 e Castañuelo.7 Recorde-se que a sondagem tinha apenas 1 m de largura, pelo que se desconhece, se neste conjunto de materiais, existiram outros recipientes ou artefactos.

À medida que a escavação foi progredindo, as expectativas iniciais foram largamente superadas. Apesar da destruição de 1990, a complexidade estratigráfica que restou é ainda enorme. Assim, apesar do monte de terra artificial do Cabeço Redondo ter sido destruído, a intervenção arqueológica, permitiu verificar a existência de, pelo menos, cerca de um metro e trinta centímetros de estratigrafia preservada, ao longo da qual se registou a presença de recipientes cerâmicos completos, fragmentados in situ, pisos em argila compactada, estruturas negativas, paredes de adobe, estruturas de combustão e estruturas de base pétrea (Fig. 4). Não foi, contudo, possível perceber e delimitar a área de ocupação, uma vez que em toda a extensão das sondagens se verificou a existência de evidências deste tipo de estruturas.

Por outro lado, verificou-se também a presença de uma sucessão de construções que se situam umas por cima das outras, separadas por aterros, tendo sido possível delimitar estratigráficamente pelo menos três fases principais de construção, as quais se subdividem em momentos construtivos e de remodelação com menor importância. Estamos, portanto, perante um fenómeno de construções que foram destruídas ou desmontadas sendo cobertas por aterros, sobre os quais se edificaram novas estruturas. Este fenómeno de remodelação do espaço encontra paralelo no conhecido caso de Cancho Roano,8 em que as sucessivas fases de construção sofreram este mesmo fenómeno.

Já sobre a arquitectura observada, dada a reduzida área intervencionada e a configuração das sondagens, não foi possível delimitar nenhum compartimento (Fig. 5), nem tão pouco conhecer minimamente a planta do sítio. Desta forma, ignora-se se estamos perante um edifício de planta ortogonal (e, consequentemente, sujeita a um planeamento prévio), como sucede, por exemplo, em Cancho Roano9 ou em La Mata,10 ou se estamos perante um complexo de construções de planta pouco or-

---

5 Celestino e Jiménez Ávila 1993; Celestino 1996.
7 Amo 1978.
9 Celestino e Jiménez Ávila 1995; Celestino 1996.
10 Rodríguez Díaz 2004.
ganizada, como parece ter sido o caso da Azougada, um sítio também ocupado, em parte, durante o século V a.C. e geograficamente muito próximo do Cabeço Redondo (c. 20 km), cuja planta é dada a conhecer, em parte, por um esboço (Fig. 6) de um dos seus escavadores.11 Os dados da escavação no Cabeço Redondo, só permitem, por conseguinte, perceber que a área ocupada se estende para lá dos limites das duas sondagens efectuadas (24 m cada uma), pelo que a área construída terá atingido uma dimensão importante, facto confirmado pelos dados obtidos através de prospecção por radar de penetração no solo.12

2. OS MATERIAIS

2.1. A CERÂMICA

Sobre a panóplia oleira até agora recuperada no Cabeço Redondo, destaca-se a presença de formas e, também, de motivos decorativos que se observam em outros sítios rurais do sudoeste peninsular, principalmente durante o século V a.C.

Entre estes recipientes, destacam-se, pela sua quantidade (cerca de centena e meia de fragmentos), as tigelas, sobre as quais se realça a ausência de decoração pintada, engobada ou grafitada. Regista-se, também, a presença de algumas tigelas em cerâmica manual (Fig. 7, n.º 4) e em cerâmica cinzenta de produção local (Fig. 7, n.º 5).

No que diz respeito aos pratos carenados, escassamente representados na amostra analisada, registar-se a presença de quatro variantes de técnicas de fabrico, nomeadamente, em cerâmica pintada (Fig. 7, n.º 7), cerâmica manual (Fig. 7, n.º 8) e cerâmica cinzenta de produção local (Fig. 7, n.º 5), a qual imita a cerâmica cinzenta fina (Fig. 7, n.º 6).

Quanto aos potes com a típica asa de cesto (Fig. 7, n.º 9), tão comuns em contextos sobretudo do século V a.C., recuperaram-se vários exemplares, os quais encontram paralelo em sítios como a Azougada (forma VI.5), enquadrados entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século IV,13 em Castañuelo de Aracena, no século V,14 em La Mata, em cerâmica de cocção oxidante,15 em Cancho Roano,16 na Herdade da Sapatoa e no Castelão das Nogueiras, igualmente no século V a.C.17 Verificou-se, ainda, a existência de um único recipiente com “onas de cabaz” (Fig. 7, n.º 10), cuja origem morfológica ocorre no Bronze Final do centro/sul do país,18 embora, a nível regional, se encontre ausente do conjunto cerâmico do Bronze Final do Castro dos Ratinhos.19 No século V, o exemplar do Cabeço Redondo encontra paralelos na Sapatoa,20 numa peça efectuada também ao torno. A um nível regional, é possível encontrar a sua ocorrência no povoado da Misericórdia, na margem esquerda do Guadiana, identificado como povoado da II Idade do Ferro,21 registando-se, por fim, a aparente ausência da forma em Cancho Roano, em La Mata e na Azougada.22

Entre os materiais até agora analisados, destaca-se pela sua singularidade um pote perfurado (Fig. 8.1). Este recipiente foi recolhido durante a destruição do Cabeço Redondo em 1990, tendo sido depo-

---

11 Madeira 1946: 21; Soares 2012: 11s., anex. I, fig. 15.
12 Caldeira et al. no prelo.
13 Antunes 2009: 145 e 251s.
15 Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 246, forma D.5.g.
16 Celestino e Jiménez Ávila 1993: 188, n.º 2; 190, n.º 6; 192, n.º 5 e 208, n.º 2.
20 Mataloto 2004: 70.
22 Antunes 2009.
sitado no Museu de Moura. Encontra-se completo, repleto de pequenas perfurações circulares feitas antes da cozedura e é dotado de uma pequena asa horizontal. Possui bordo simples, colo estrangulado e fundo plano. É feito em cerâmica manual, com um acabamento tosco e a parte do fundo exterior possui restos de uma matéria orgânica negra, indicando assim uma possível exposição a uma chama. Chama-se a atenção para o seu perfil, completamente “atípico”, dado ser de tendência oblíqua, ao invés de vertical.

A existência de pequenos recipientes cobertos de perfurações não constitui uma novidade na Idade do Ferro, sendo, contudo, mais rara a ocorrência de recipientes completos como este exemplar. Geralmente, desde o Bronze Final até à chegada do domínio romano, os recipientes com perfurações são usualmente conotados com funções diversas, nomeadamente as de queijeras,23 coadores ou filtros,24 as de incensários/queimadores,25 ou, ainda, como recipientes ligados a práticas metalúrgicas.26

Assim, para o exemplar do Cabeço Redondo, talvez o melhor paralelo seja a peça proveniente do sítio de Neves I (Fig. 8.2), do século V , o qual tem características bastante parecidas a este do Cabeço Redondo. Observando-se a peça com atenção, nota-se que morfologicamente se assemelha à peça do Cabeço Redondo, pela sua forma fechada e bordo simples. Difere, contudo, na sua menor dimensão, na ausência de um fundo plano, da asa e no bordo que, no caso de Neves I, é fechado. Quanto à sua função, o exemplar de Neves I foi interpretado como um ex-voto de figuração representativa de um suíno.27

As morfologias fechadas destes dois recipientes, com um bordo e colo estreito, afastam-se dos exemplares do Bronze Final/Orientalizante, os quais possuem bordos relativamente abertos, bem como dos queimadores da segunda metade do I milénio. Não é, contudo, impossível que os exemplares de Neves I e do Cabeço Redondo derivem de uma evolução dos recipientes do Bronze Final-Período Orientalizante ou das funções a que se destinavam, embora nos faltem dados que permitam confirmar ou afastar qualquer uma das hipóteses. Em relação à função do recipiente do Cabeço Redondo, se se afastar a hipótese de as perfurações corresponderem apenas a uma mera decoração, são vários os indícios que parecem apontar o caminho para a função a que se destinava este recipiente: 1) as perfurações podem existir para deixar escapar algo do interior do recipiente e o facto de este parecer possuir vestígios de fogo na base poderá apontar para um queimador de alguma substância que fosse colocada no seu interior; 2) a pequena asa horizonta), poderá ser entendida como utilizada para o transporte ou para suspender o recipiente, talvez por cima de uma chama; 3) a sua morfologia oblíqua favorece uma posição inclinada do recipiente, quer este se encontre pendurado pela asa, quer se encontre apoiado na base.

Por outro lado, a sua manufactura tosca, em cerâmica manual pouco cuidada, de fabrico grosseiro, e o facto de algumas das perfurações não terem sido correctamente realizadas, encontrando-se obstruídas por argila, não deixam de causar alguma es-

---

22 González de Canales et al. 2004: 118.
26 Maia 2008: 358s., fig. 3.
tranheza, se se atribuir uma qualquer função ritual ou excepcional para este artefacto, dado o pouco ou nenhum cuidado empregue na sua manufactura. Concluindo, avançamos como hipótese que a sua funcionalidade poderá corresponder à de um queimador de substâncias voláteis, utilizado para combater a emissão de odores nefastos provocados pela transformação e armazenagem de produtos agrícolas no local.

No que toca aos recipientes vocacionados para a grande armazenagem, identificou-se uma série de formas mais ou menos abertas que poderiam cumprir as funções de conter diversos produtos. Referimo-nos à presença abundante de ânforas tipo “Cancho Roano” (CR-1)\textsuperscript{28} (Fig. 9, n.º 1-2), de talhas (Fig. 9, n.º 3-4), bem como de bacias/alguiñares, fabricadas tanto em cerâmica manual (Fig. 9, n.º 8-9), como ao torno (Fig. 9, n.º 5-7) e onde se encontra a típica asa cega, frequente em contextos do século V a.C. Sobre este tipo de recipientes, os dados obtidos em escavação demonstraram que ocorre um claro aumento da sua quantidade, em especial dos recipientes anfóricos, nos níveis mais recentes da escavação, facto que comprova um aumento da capacidade de armazenagem nos momentos finais do Cabeço Redondo.

Note-se, ainda, a presença de uma asa de rolo espessa e de vários fragmentos de bojos de pastas claras, indiciadores de importações da Baixa Andaluzia, embora nenhum dos fragmentos tenha permitido conhecer a forma dos recipientes (contudo, a asa de rolo pertence, possivelmente, a uma ânfora).

Sobre as decorações cerâmicas, o primeiro facto digno de nota é a sua escassez, em todas as categorias observadas (pintadas, grafitadas, decoração plástica). É possível registar, no entanto, a presença de cerâmicas pintadas e grafitadas desde o início da ocupação do Cabeço Redondo, ocorrendo em todas as três Fases detectadas. Nota-se ainda que a decoração grafitada constitui o motivo decorativo mais abundante, reforçando assim o seu carácter de decoração marcadamente local/regional. Quanto às cerâmicas pintadas, observa-se que de todo o conjunto analisado de cerâmica classificável, que conta já com várias centenas de fragmentos,
não chegam a uma dezena os fragmentos com esta decoração, sendo que todos estes correspondem a cerâmicas importadas. Deste conjunto, destaca-se a peça com pintura bícroma, pintada com faixas vermelhas enquadradas por linhas negras (Fig. 10, n.º 4), a qual foi encontrada nos níveis mais antigos até agora escavados. Este motivo decorativo ocorre desde o início das influências orientalizantes até ao domínio romano, como se verifica, por exemplo, na estratigraﬁa do Cerro Macareno.29 A nível regional, este motivo decorativo apenas se encontra presente num pitôs em Torre Velha 3, com uma cronologia proposta do século VII-VI.30

Já os 3 fragmentos de pratos carenados de cerâmica fina com cozedura oxidante (Fig. 10, n.º 1-3), correspondem a importações e possuem um revestimento de engobe branco, sobre o qual foi aplicada uma pintura vermelha. Num dos exemplares (Fig. 10, n.º 3), esta pintura parece encontrar-se apenas no interior, enquanto nos outros dois (Fig. 10, n.º 1-2), a pintura localiza-se tanto no interior como no exterior, com três linhas em reserva na parede exterior junto ao fundo. Estas peças foram recuperadas nos níveis mais recentes da escavação e encontram o seu paralelo mais próximo num prato pintado da Azougada,31 também ele com uma linha em reserva na parede exterior próximo do fundo, embora aqui tenha sido classificado como um prato de engobe vermelho.

Relativamente à cerâmica ática, apenas foram recolhidos dois pequenos fragmentos (Fig. 10, n.º 5-6), correspondentes a um bordo e uma asa, possivelmente de taças Cástulo, as quais constituem um achado frequente em sítios do século V a.C. no Sul do território português.32

Em relação à decoração por aplicação de grafite, destaca-se, em primeiro lugar, o facto de ser a decoração mais numerosa no Cabeço Redondo. Esta decoração encontra-se aplicada no exterior dos recipientes fechados, ficando essa superfície integralmente coberta por grafite. Contudo, três fundos pequenos, também grafitados no interior (Fig. 10, n.º 12-14), parecem indicar a existência de pequenos recipientes abertos, como pratos ou tigelas. O motivo decorativo obtido pela aplicação de grafite foi alvo de um estudo recente por parte de R. Barroso,33 o qual reúne a bibliograﬁa mais antiga.

29 Pellicer et al. 1983: 82.
30 Antunes, de Deus et al. neste volume.
31 Antunes 2009: 119, n.º 11.
32 Arruda 1997: 96, 97 e 103.
33 Barroso 2002.
A sua ocorrência é algo vasta, ocorrendo desde o Bronze Final até à primeira Idade do Ferro, numa geografia e cronologia que se parecem estender à medida que a investigação progride.

Observando o panorama das cerâmicas grafitadas até agora recuperadas nos sítios regional e cronologicamente mais próximos do Cabeço Redondo (Fig. 11), notam-se algumas diferenças entre os vários conjuntos. Se por um lado, o exemplar recuperado em El Castañuelo evoca claramente os recipientes do Cabeço Redondo, através da existência de uma larga faixa grafitada aplicada na superfície exterior de um grande recipiente fechado, o qual apresenta algumas semelhanças morfológicas com um exemplar do Cabeço Redondo (Fig. 10, n.º 9), já o mesmo não se pode dizer dos recipientes até agora recuperados na Azougada e no Castelo Velho de Safara, onde a decoração grafitada se encontra principalmente em pequenos recipientes abertos e menos frequentemente em pequenos recipientes fechados, sendo aplicada em estreitas faixas alternadas com faixas de engobe vermelho, o que parece corresponder a uma diferença de significado cronológico, sendo provavelmente este motivo decorativo ligeiramente mais recente que o grafitado integral do Cabeço Redondo.34

Por fim, no que diz respeito a outros motivos decorativos, nomeadamente os referentes à decoração plástica (Fig. 12), nota-se a existência de digitações, de incisões sobre o bordo, de linhas incisas ondulantes, de pequenos mamilos e de caneluras. Estes motivos decorativos surgem principalmente aplicados a recipientes de produção manual e enquadram-se no século V a.C., estando presentes em vários sítios desta cronologia, como Castañuelo,35 Sapattoa,36 entre muitos outros possíveis de citar.

Quanto aos elementos de produção têxtil, recuperaram-se pesos de cerâmica de grandes dimensões, correspondentes a três tipos distintos, nomeadamente, pesos ovalados (Fig. 13, n.º 1-2), circulares (Fig. 13, n.º 4) e piramidais (Fig. 13, n.º 3), sendo que alguns se apresentam em argila mal cozida, enquanto outros sofreram uma cozedura muito intensa. Os pesos ovalados correspondem ao tipo mais abundante, conhecendo-se paralelos para os três tipos formais em Cancho Roano37 e La Mata.38 É ainda importante registar a presença de pesos de tear realizados em "argila sem co-

34 Soares 2012: 21ss.
35 Amo 1978.
36 Mata1oto 2004.
37 Berrocal-Rangel 2003: 222, fig. 3, tipo F; 260.
38 Rodríguez Díaz e Ortiz: 264, formas G.1.a., G.1b. e G.1.c.
O CABEÇO REDONDO (MOURA): UM EDIFÍCIO MONUMENTAL E SINGULAR NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

2.2. Os metais e a produção metalúrgica

Em relação aos metais, destaca-se, em primeiro lugar, uma peça (Fig. 14, n.º 1) recuperada durante a destruição operada no Cabeço Redondo, em 1990. Trata-se de um artefacto maciço, de bronze, com 1,4 kg e 14,5 cm de diâmetro, apresentando uma face com superfície lisa côncica rodeada por uma faixa horizontal. Nesta faixa observam-se estrías resultantes de uma rotação centrípeta intensa. A outra face apresenta três encaixes, onde um qualquer objecto, provavelmente de madeira, estava colocado. Objectos semelhantes foram recuperados em outros contextos, tendo as suas funções sido associadas a eixos de portas ou a eixos de rodas de oleiro, havendo J. Jiménez Ávila discutido mais recentemente esta problemática, argumentando a favor de corresponderem a eixos de roda de oleiro, posição que partilhamos.

Já durante as escavações, recuperou-se uma asa em “ómega”, também de bronze (Fig. 14, n.º 2), de um braseiro, a qual se encontra em perfeito estado de conservação. Foi recolhida num estrato correspondente a um aterro, facto que poderá ajudar a explicar o facto de se encontrar separada do recipiente metálico de que faria parte. Este tipo de asas encontra-se associado a recipientes de bronze, usualmente denominados “braseiros”, possuindo cada um deles duas asas ou apenas uma. Funcionalmente, destacamos a hipótese de Jiménez

zer” em Castañuelo, embora seja desconhecida a sua morfologia, bem como a sua ausência ou escassez em pequenos sítios rurais, como no Passo Alto, no século VI e, no século V, na Sapataoa, entre outros, facto que poderá talvez atribuir um significado produtivo especial à sua presença e abundância, aparentemente mais frequente em sítios do século V com maior dimensão e riqueza, como serão os complexos monumentais pós-orientalizantes.

No que se refere aos cossoiros, recuperaram-se apenas quatro, desprovidos de qualquer decoração e enquadráveis nos tipos formais cilíndrico (Fig. 13, n.º 7-8), cónico (Fig. 13, n.º 5) e bitroncocónico (Fig. 13, n.º 6) de Cancho Roano, os quais se registam também em La Mata. Por fim, recuperou-se ainda uma pequena agulha ou furador (Fig. 13, n.º 9), realizado em osso polido, encontrando-se a sua presença provavelmente também relacionada com actividades de produção têxtil.

Figura 9.— Cabeço Redondo. Grandes recipientes cerâmicos.
Ávila, que considerou como mais provável para estes artefactos uma função de carácter simbólico e excepcional, restringida a determinados actos cerimoniais em que interviriam os seus proprietários, afastando assim as teses que os conotam com a queima de perfumes ou de cadáveres ou como elemento de abluções rituais. Ocorrem, cronologicamente, desde o século VII até finais do século V, predominantemente em contextos funerários, embora no Sudoeste peninsular apenas se tenham recolhido em ambientes não funerários, sendo de notar a sua existência em Cancho Roano. Encontram-se contudo, ausentes de La Mata, ainda que os seus escavadores considerem que estes devêssem ter existido, devido a alguns elementos de bronze recolhidos, supondo que os recipientes teriam sido “salvos” do incêndio final. Recuperou-se ainda um elemento de xorca de bronze (Fig. 14, n.º 5), o qual se apresenta danificado, devido muito provavelmente a um vazamento defeiciente. O seu interior encontra-se preenchido por uma argila avermelhada, possivelmente constituindo do núcleo do molde. Por outro lado, foi recolhido num estrato de aterro, pelo que o elemento de xorca deve, com certeza, tratar-se de um

---

\[50\] Jiménez Ávila 2002: 129s.  
\[52\] Cuadrado 1957: 14.  
\[53\] Jiménez Ávila 2002: 118, 119 e 130.  
\[54\] Celestino e Zulueta 2003: 29-32.  
\[55\] Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 287.
object descartado. Estes artefactos considerados como elementos de adorno, possuem duas morfologias distintas: uma em forma de crescente lunar, com secção circular, outra de tipo “bolsiforme”, sendo a esta morfologia que pertence o exemplar aqui tratado. A sua dispersão geográfica e cronológica no território peninsular é algo vasta, como se verifica em algumas sistematizações já efectuadas, parecendo a sua cronologia iniciar-se no século VII, perdurando até meados do 1º milénio. Regista-se a sua presença em diversos sítios coevos do Cabeço Redondo, nomeadamente Castañuelo e La Mata, e, ainda, em ambiente funerário, como por exemplo, na necrópole da Mealha-Nova, entre muitos outros sítios possíveis de citar.

Também foram recuperados, durante os trabalhos de escavação, dois objectos de ferro, nomeadamente uma faca afalcatada (Fig. 14, n.º 4) e um remate (Fig. 14, n.º 5). A pequena faca afalcatada encontrou-se completa, embora muito oxidada. Uma vez mais, o estrato onde este objecto foi recolhido pertencia a um potente aterro, pelo que o objecto terá sido, em algum momento, descartado, por razões que desconhecemos. A sua funcionalidade tem sido debatida em torno das hipóteses de corresponderem a armas, objectos de uso quotidiano ou de uso ritual, não sendo possível afastar completamente qualquer uma das hipóteses. Cronologicamente, as pequenas facas afalcatadas de ferro ocorrem numa geografia e cronologia amplas, desde o século VIII até aos finais da Idade do Ferro, nos mais diversos contextos. Regista-se a sua presença abundante em Cancho Roano, onde os 64 exemplares recuperados correspondem a 15% do total de objectos de ferro, em Castañaúelo, entre outros. Tipologicamente, o exemplar recolhido no Cabeço Redondo parece encontrar-se algures entre as facas afalcatadas pequenas e as facas afalcatadas de lâmina estreita, de Cancho Roano.

Já o “remate” recolhido corresponde a um elemento de ferro alongado com as extremidades engrossadas e muito oxidado, apresentando sete centímetros de comprimento e cerca de um centímetro de espessura, encontrando-se a sua presença associada a placas de ferro e grampos, funcionalmente concebidos para actuar em conjunto, fazendo parte de objectos de madeira, ou de couro, como arreios de cavalos, no caso dos exemplares de menores di-

[64] Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 291.
mensões. O exemplar do Cabeço Redondo corresponde à forma de maiores dimensões em Cancho Roano e regista-se ainda a sua presença em La Mata. Além dos artefactos metálicos referidos atrás, também artefactos ligados à produção metalúrgica foram recuperados durante a escavação arqueológica levada a cabo no Cabeço Redondo, designadamente um fragmento de cadinho (Fig. 15, n.º 1), com escória aderente, e um fragmento de algaraviz vitrificado (Fig. 15, n.º 2). Uma análise preliminar por fluorescência de raios X, dispersiva de energia, permitiu verificar que o cadinho foi utilizado na metalurgia do bronze, enquanto no algaraviz se identificaram vestígios de cobre, o que indícia a produção de ligas de bronze no Cabeço Redondo e que parece confirmar, ao mesmo tempo, a interpretação exposta anteriormente sobre o vazamento quente aquando da manufactura do elemento de xorca. Note-se, a este propósito, que vestígios semelhantes foram encontrados no edifício de La Mata.

2.3. LÍTICOS

Relativamente a material lítico, foram recolhidos diversos percutores de quartzo de forma alongada (Fig. 16, n.º 4) ou mais raramente de forma esférica (Fig. 16, n.º 2), além de vários fragmentos de mó de granito (Fig. 16, n.º 1). Estes elementos encontram-se associados à prática de diversas actividades económicas, como por exemplo, a produção de farinhas cereais, registando-se a sua presença comum em diversos sítios, dos quais são exemplo La Mata e Cancho Roano. Por fim, recuperou-se ainda um machado de pedra polida (Fig. 16, n.º 3), o qual corresponde a um tipo de artefactos que ocorrem ocasionalmente e residualmente em diversos sítios proto-históricos.

3. UMA CRONOLOGIA PARA O CABEÇO REDONDO

Ao definirmos uma cronologia para a ocupação do Cabeço Redondo, utilizamos sobretudo a análise dos materiais para suportar uma possível datação. Assim, materiais como a cerâmica ática, possivelmente taças Cástulo, traduzem uma cronologia relativamente segura do século V a.C. De
igual modo, a conjugação de potes com asa de ce-
sta, bordos com incisões, cerâmicas grafi-
tadas e o pequeno recipiente com perfurações, enquadram-
se igualmente bem no século V a.C., em virtude dos
paralelos já mencionados para cada caso.
Em relação ao final da ocupação, baseamo-nos
sobretudo nas ausências. Assim, os materiais relati-
vamente comuns nas ocupações do século IV a.C.,
detecados a nível regional em sítios como o Cas-
telo Velho de Safara,73 Castelo de Moura,74 Caste-
lo de Serpa,75 Misericórdia76 e Pasada del Abad,77
encontram-se ausentes no Cabeço Redondo, nomea-
damente, a cerâmica ática de figuras vermelhas,
a cerâmica estampilhada, os queimadores fenes-
trados e as cerâmicas grafitadas em bandas com
engobe vermelho, podendo ainda mencionar-se a
escassez de cerâmicas pintadas.
Já o limite para o início da ocupação no Cabeço
Redondo, afigura-se relativamente mais difícil de
estabelecer com exactidão. Este problema deve-se,
em primeiro lugar, à reduzida área escavada. Assi-
sim, os níveis mais antigos identificados, corres-
pondentes à Fase I, encontram-se a mais de um
metro e meio de profundidade, tendo sido apenas
atingidos numa reduzida extensão da área inter-
vencionada em 2011.
Destes níveis, foram recuperados 50 fragmentos
cerâmicos classificáveis. Apesar de estatisticamen-
te os valores obtidos para este conjunto não serem
significativos, é possível propor algumas conclu-
sões relevantes para a cronologia, nomeadamente,
en relação à percentagem de cerâmica manual,
uma vez que esta pode traduzir diferenças cronoló-
gicas.78 Os dados revelam que os momentos finais
da ocupação do Cabeço Redondo possuem valores
de cerâmica manual na ordem dos 10% (se calcula-
da em relação ao Número Mínimo de Indivíduos,
nomeadamente, o número de bordos). Contudo, os
momentos iniciais da ocupação revelam que a ce-
râmica manual seria mais abundante, com valores
alguns entre 19% e 34%. Dada a pouca relevância
estatística do conjunto de fragmentos classificáveis
destes momentos iniciais, efectuou-se também uma
análise pela contabilização do Número de Restos
(contagem de todos os fragmentos cerâmicos), a
qual revela que a quantidade de cerâmica manual
nas fases iniciais é significativamente mais elevada

72 Costa 2010.
74 Soares 2012: 8-11.
77 Pérez Macías 1995.
que em qualquer outro dos contextos,79 existindo portanto um comprovado decréscimo das fases antigas para as mais recentes.

As explanações para este facto prendem-se pelo menos em parte, e como já referimos, com a cronologia das diferentes Fases, tendo já sido avançado80 que ao longo da Idade do Ferro a percentagem de cerâmica manual parece variar em função da maior ou menor antiguidade, ainda que outras hipóteses como um aumento do poder económico, sejam igualmente equacionáveis.81

Assim, refira-se, apenas a título de exemplo para esta discussão, a percentagem de 38% de cerâmica manual na Sapatoa, entre finais do século VI e meados do século V,82 aproximando-se assim da já referida percentagem verificada nos momentos iniciais do Cabeço Redondo. Já os valores verificados na fase final do Cabeço Redondo, variando entre 9 e 12%, aproximam-se dos valores verificados na percentagem de cerâmica manual na Azougada, com um valor de 12%,85 da Fase V de Castro Marim correspondente à segunda metade do século V a.C.

e ao século IV a.C., com 11%,84 de Cancho Roano, com valores entre 11 e 15% na sua Fase final,85 ou ainda em La Mata, com valores entre 15 e 20%.86

Além da percentagem de cerâmica manual, outros elementos permitem caracterizar os momentos iniciais do Cabeço Redondo. Assim, destacam-se os fragmentos com pintura bícroma, em faixas vermelhas enquadradas por linhas negras, recuperados nos níveis mais antigos escavados. Apesar de, como já referimos, este motivo decorativo poder ocorrer numa cronologia alargada, não é de excluir que os exemplares do Cabeço Redondo poderão corresponder a recipientes do século VI a.C., como sucede a nível regional, em Torre Velha 3.87 Também algumas das decorações plásticas apenas presentes nestes níveis, como as incisões sobre o bordo, poderiam indicar uma cronologia antiga dentro do século V ou mesmo recuando ao século VI, como já defendeu Rui Mataloto88 numa análise aprofundada sobre o tema.

79 Soares 2012: 78-85.
80 Mataloto 2004: 77.
81 Antunes 2009: 371.
82 Mataloto 2004: 77.
83 Antunes 2009: 570.
84 Oliveira 2008: 454-461.
85 Mataloto 2004: 77, fig. 22.
86 Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 218.
87 Antunes, de Deus et al. neste volume.
88 Mataloto 2004: 72s.
Para além dos elementos referidos, poder-se-ia referir ainda a ausência nos níveis mais antigos de cerâmica ática e de elementos característicos do século V a.C., como os potes com asa de cesta, o que poderia ter algum significado mais substancial, nomeadamente, uma cronologia mais recuada. Contudo, reforce-se, uma vez mais, que a área escavada foi muito reduzida, pelo que novas escavações poderão alterar esta visão.

Concluindo, a ocupação do Cabeço Redondo deverá balizar-se no século V a.C., terminando esta no final da centúria e deixando em aberto com muitas cautelas, a possibilidade de que novas escavações poderão alterar esta visão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implantação do Cabeço Redondo na margem esquerda do Guadiana e na margem esquerda do rio Ardila, situam-no num palco privilegiado de estudo da Idade do Ferro, em virtude da malha de povoamento já conhecida e estudada.

Uma vez analisada a cultura material, a sua cronologia e alguns dos vestígios da arquitetura, é-nos permitido tecer alguns comentários e discutir algumas questões. Em primeiro lugar, os dados obtidos através do estudo dos materiais recupera-dos, permitem a busca de paralelos, os quais se contram predominantemente em sítios rurais ocu-pados ao longo do século V a.C., nomeadamente, Cancho Roano, La Mata, El Castañuelo, Azouaga-da, entre vários outros possíveis de citar. Por outro lado, os vestígios materiais indiciam algumas pistas sobre a funcionalidade do Cabeço Redondo. Assim, a presença de uma grande quantidade de recipientes de armazenamento, como as ânforas, bem como de utensílios utilizados na preparação de cereais, como as mós, ou de produção têxtil, como os pesos de tear e os cossóis, apontam para a existência de atividades de produção, transformação e armazenamento de produtos agrícolas. Neste ponto, as análises recentemente efectuadas sobre a fauna do Cabeço Redondo apoiam esta conclusão, ao revelar a existência abundante de fauna doméstica, predominantemente gado bovino e ovicaprinho, e a fraca importância da caça, demonstrando a importância da agricultura e da pastorícia na economia do sítio.

Contudo, estas não seriam as únicas actividades de que se ocupavam os habitantes do Cabeço Redondo, tal como ficou demonstrado pela presença de um fragmento de algaraviz e de um molde, utilizados na produção de ligas de bronze, bem como a existência de uma xorca, possivelmente descartada por um defeito de vazamento. Parece assim provável que a produção metalúrgica tenha também tido o seu papel na economia do Cabeço Redondo, embora não disponhamos ainda de dados suficientes para perceber a extensão da sua importância, isto é, se seria uma actividade predominante, ou se apenas se destinaria ao consumo interno, como parece ter sido o caso de La Mata e de Cancho Roano, onde também se encontraram vestígios de produção metalúrgica, embora com fraca expressão.

Finalmente, ainda como hipótese, fica a presença de produção oleira no Cabeço Redondo, caso o artefacto de bronze recuperado nas destruições de 1990 corresponda efectivamente, como julgamos, a um eixo de torno de oleiro. Esta hipótese carece de uma confirmação mais sólida, dado não terem sido recuperados outros indícios que a comprove, como a presença de um forno ou de elementos cerâmicos com defeitos de fabrico, indicadores seguros da presença de uma produção oleira no local.

Neste ponto, recuperamos a discussão anteriormente iniciada sobre os valores de cerâmica manual e das quantidades de recipientes anfóricos e a sua diferença entre os momentos iniciais e os momentos finais de produção, que poderiam ser indicadores de uma atividade oleira mais intensa nos momentos finais de ocupação.

---

89 Cardoso e Soares: 2013.
90 Rovira 2004: 478.
tos finais da ocupação no Cabeço Redondo. Assim, pensamos que um menor poder econômico nos momentos iniciais da ocupação no Cabeço Redondo seria traduzido numa maior quantidade de produção cerâmica manual (produção local dos próprios habitantes). Posteriormente, numa segunda fase, o incremento do poder econômico resultante do desenvolvimento da exploração dos recursos disponíveis, permitiria dispor de um acesso facilitado aos recipientes fabricados ao torno, reduzindo assim a necessidade da produção manual. Neste caso, o possível eixo de torno de oleiro recuperado no Cabeço Redondo, poderia também ajudar a explicar o aumento da percentagem de cerâmica ao torno. Poderá especular-se, assim, que o desenvolvimento do poder econômico no Cabeço Redondo permitiria, em determinada altura, adquirir a tecnologia necessária à produção de cerâmica feita ao torno. Este necessário poder econômico parece-nos justificado, uma vez que, note-se, a peça em questão, corresponde a um artefacto de bronze maciço, com 1,4 kg de peso. Não podemos, ainda, deixar de ligar a esta questão o facto de o número de ânforas de produção local/regional aumentar significativamente no final da ocupação, pelo que fica no ar a hipótese de se tratar de uma produção local, no próprio sítio, possivelmente para envasar a sua própria produção de determinados géneros alimentares.

Sobre o modelo de ocupação a que pertence o Cabeço Redondo, os dados analisados comprovam que este partilha várias das características observadas nos edifícios monumentais da zona do Guadiana Médio, nomeadamente, a implantação em zonas planas férteis, próximo de pequenas linhas de água; a cultura material; a presença de objectos socialmente diferenciadores, dos quais os braseiros de bronze são um exemplo; o tipo de actividades económicas ali praticadas; o tipo de construções; a utilização massiva de adobes; a existência de um fenómeno em que o espaço construído foi parcialmente destruído ou desmontado, para em seguida ser coberto por aterros, sobre os quais se construiu novamente; e ainda a possível presença de um incêndio na fase de abandono do sítio, verificada na abundância de adobes queimados, que se observaram nos níveis mais recentes da escavação. Por fim, partilha também aquela que é talvez a característica mais marcante e até agora associada apenas ao Guadiana Médio: a presença de um grande monte artificial de terra, resultante da destruição e erosão das paredes de adobe de um edifício monumental e singular.

Encontra-se assim fortemente apoiada por indícios a possibilidade de supor que o fenómeno dos complexos monumentais e singulares não é exclusivo do sector norte do Guadiana Médio, antes prolonga-se pelo menos, até a um sector muito mais a sul, à margem esquerda portuguesa do Guadiana.

Pensamos ser possível admitir que o Cabeço Redondo não será caso único na sua região (e que dizer da margem direita?), pois tal como a História nos ensina, os casos únicos e isolados são frequentemente precedidos de muitos outros, como bem ilustra a conhecida história de Cancho Roano, verdadeiro paradigma da questão dos “casos únicos”. Será ainda de esperar, que o aparente vazio existente entre a zona de Cancho Roano/La Mata e o Cabeço Redondo, venha a registar no futuro a existência comprovada de mais alguns sítios com as mesmas características (por exemplo, o Caste-

---

92 Jiménez Ávila 2009.
lão das Nogueiras,93 o qual pensamos constituir um forte candidato), embora seja possível que a grande concentração de complexos monumentais e singulares verificada no Guadiana Médio, não seja repetível noutros locais.

Pode, então, concluir-se que, em meados do 1º milénio, existiu uma grande ocupação rural caracterizada por pequenos núcleos habitacionais, ao longo dos tramos médio e inferior do Guadiana. Alguns destes núcleos terão atingindo dimensões maiores que outros, chegando alguns deles a atingir as dimensões “monumentais” verificadas na zona do Guadiana Médio94 e a sofrer fenómenos de construção/destruição-aterro/construção.95 Este facto e as razões que levaram a que alguns atingissem este estádio e outros não, poderá ter resultado de uma determinada conjugação de factores, dos quais o mais relevante seria a localização privilegiada em zonas agrícolas de excelência. Alguns destes sítios teriam assim ao seu alcance meios económicos para crescer e sustentar esse crescimento, ao passo que outros sítios, implantados em locais agrícolas menos favoráveis, não disporiam dos meios necessários para dar o “salto” para a “monumentalidade”, não se verificando assim os fenómenos de intensa remodelação arquitectónica e de incremento de dimensão.

O Cabeço Redondo deverá então ter correspondido a um sítio que, uma vez fundado, terá evoluído ao longo do tempo, através da exploração agrícola, tendo o seu crescente poder económico permitido um crescimento a nível estrutural e permitido a remodelação do espaço edificado. Este desenvolvimento terá tido o seu apogeu algures nos finais do século V, altura em que a sua capacidade produtiva seria bastante superior à verificada no início da sua fundação, existindo nesta fase um grande volume de produção excedentária, verificada no aumento do número dos grandes recipientes de aramazenagem.

Uma vez mais, tal como se verificou em Cancho Roano e La Mata,96 parece ter sido precisamente no máximo da capacidade produtiva e, possivelmente, no momento de maior desenvolvimento do espaço edificado, que a ocupação do Cabeço Redondo terá cessado, dado não dispormos de qualquer dado que permita supor uma continuidade da ocupação durante o século IV.

O Cabeço Redondo terá então feito parte de um processo que se iniciou algures a partir do século VII a.C., com o fim dos grandes povoados do Bronze Final, como parece demonstrar o caso do Castro dos Ratinhos,97 do Passo Alto98 e de Serpa,99 tendo resultado no desenvolvimento da pequena ocupação rural, ao longo das margens do Guadiana, a qual parece ter originado a partir dos finais do século VI a.C. ou inícios do século V a.C., alguns complexos edificados monumentais, resultantes do crescimento e desenvolvimento dessas pequenas ocupações.

94 Jiménez Ávila 2009: 94.
96 Celestino e Jiménez Ávila 1995; Celestino 1996; Rodríguez Díaz 2004.
97 Berrocal-Rangel e Silva 2010.
98 Soares et al. 2010.
99 Antunes, Soares et al. neste volume.

BIBLIOGRAFIA


BLÁZQUEZ, J.M. (1975): Tartessos y los orígenes de la Colonización fenicia en la Península Ibérica. Salamanca (2ª ed.).


JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2013): "En torno a los tornos: A propósito de una piedra de torno del alfarrero de la I Ida de Ferro conservada en la Co-